

# Josefina Álvares de Azevedo

TEATRO E PROPAGANDA SUFRAGISTA NO BRASIL DO SÉCULO XIX<sup>1</sup>

Valéria Andrade Souto Maior\*

**S**urgido no Brasil, de forma organizada, durante a década de 1920, o movimento pela conquista dos direitos políticos das mulheres ensaia seus primeiros passos já na segunda metade do século XIX, momento em que, por entre as dobras do projeto modernizador que então começara a se implantar no país, tem início o processo de formação de uma nova consciência acerca das relações sociais entre os sexos. Assim, ainda que isoladas, podemos identificar algumas vozes femininas que, anteriores à de Bertha Lutz (1894-1976), figura central da campanha sufragista brasileira, impõem-se como iniciativas embrionárias da mobilização das mulheres na luta por seus direitos à cidadania.

Essas outras mulheres – vozes ilhadas, sim, mas que não se deixaram intimidar por isso – se pronunciaram por meio de seus muitos escritos, que faziam circular pela imprensa, buscando formar uma opinião pública a favor do seu ideário de emancipação feminina, tal como faziam, na época, quaisquer grupos com pretensão de se apresentar à sociedade com novas idéias.

Um nome a guardar na memória, neste sentido, é Francisca Senhorinha da Motta Diniz (séc. XIX-?). Fundadora, editora e redatora de um dos vários jornais de orientação feminista surgidos país a fora a partir das três últimas décadas do século XIX – *O Sexo Feminino* –, a professora Francisca Diniz, já nos idos de 1875, não perdeu a chance de informar o público leitor da época sobre uma proposta relativa ao sufrágio feminino feita no país décadas antes pelo senador Manoel Alves Branco (1797-1855). No final da década de 1880, seu jornal, rebatizado como *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino* desde a mudança do regime político no país, ganha uma coluna exclusiva para tratar da questão. E em abril de 1890, pu-

blica um artigo intitulado “Igualdade de direitos”, em que afirma: “Desejamos que os senhores do sexo forte saibam que se nos podem mandar, em suas leis, subir ao cadafalso, mesmo pelas idéias políticas que tivermos, [...], também nos devem a justiça de igualdade de direitos, tocante ao direito de votar e o de sermos votadas.”

Devemos nos lembrar também de Ana Eurídice Eufrosina de Barandas (1806-?), uma das nossas primeiras escritoras a reivindicar publicamente, embora não pelas páginas de um jornal, o direito das mulheres terem e expressarem sua opinião em questões políticas. Num texto intitulado *Diálogos*, escrito em 1836, e publicado em coletânea em 1845, Ana Eurídice recrimina duramente a atitude repressiva dos homens frente à participação das mulheres no debate político

Acervo Valéria Andrade Souto Maior



Josefina Álvares de Azevedo, retratada por L. Amaral

\* Doutora em Letras, pesquisadora DCR/CNPq, atuando presentemente como professora junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras/UFPB (val\_andrade4@yahoo.com.br).

que agitava a Porto Alegre da época, em torno da Guerra dos Farrapos.

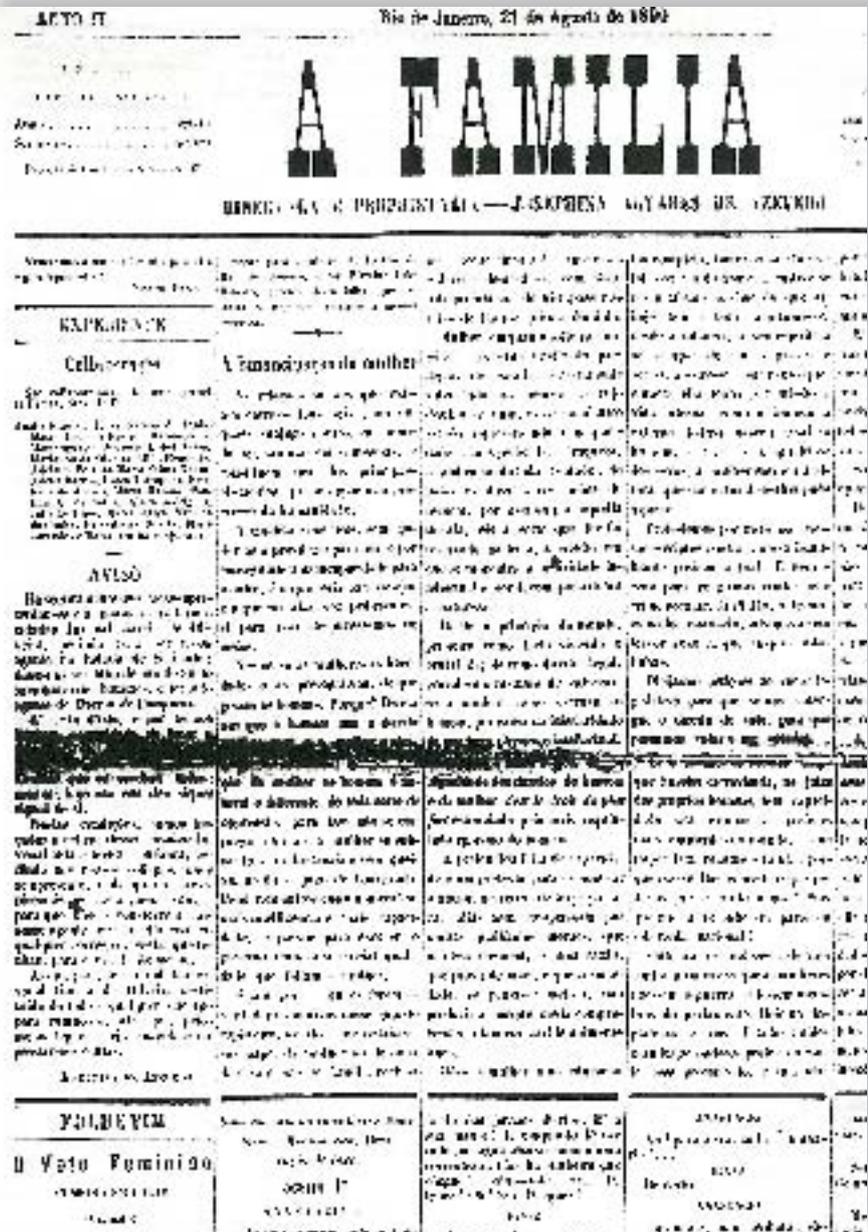
Não nos deve escapar o nome de Isabel de Sousa Matos (séc. XIX). Cirurgiã-dentista, no ano de 1885, requereu seu alistamento eleitoral na sua cidade natal (São José do Norte/RS) com base na Lei Saraiva (09/01/1881) – que garantia o direito de voto aos portadores de títulos científicos. Com o advento da República e a convocação de eleições para a Assembléia Constituinte, Isabel de Matos, que se transferira para o Rio de Janeiro por aquela época, procura a comissão de alistamento eleitoral da Capital Federal na tentativa de garantir novamente o pleno exercício dos seus direitos de cidadã. O parecer do governo, contrário ao pleito da Dra. Isabel, seria o mote para exacerbar os ânimos feministas em torno da inclusão das mulheres no espaço político, como os da professora Josefina Álvares de Azevedo (1851-?), cujas iniciativas, desde que se instalara o novo regime político, vinham se desenvolvendo, como veremos adiante, como autêntico ativismo sufragista. Seja pelo seu percurso intelectual, literário e profissional inteiramente dedicado ao ideal de emancipação feminina no Brasil, seja principalmente pelo seu papel relevante e inquestionável nas discussões pelo direito ao voto feminino na nossa Constituição de 1891, Josefina Álvares de Azevedo tem seu nome gravado na história do nosso sufragismo em seus momentos inaugurais<sup>2</sup>.

Apesar do sobrenome famoso e de compartilhar um lugar de vanguarda na história do feminismo brasileiro com Nísia Floresta (1810-1885)<sup>3</sup>, quase tudo o que sabemos sobre Josefina de Álvares Azevedo guarda relação apenas com sua trajetória como escritora e intelectual.

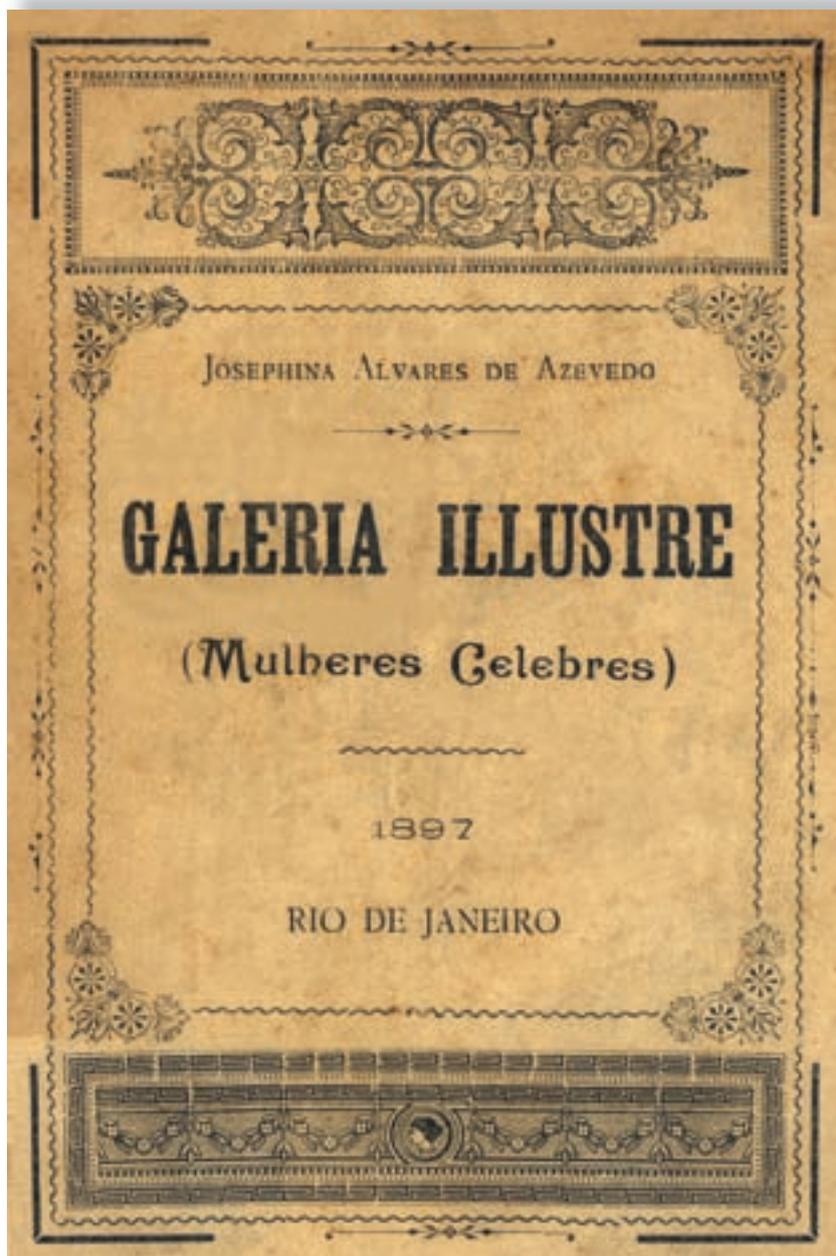
Seu perfil biográfico, em termos de vida pessoal, ain-

da está quase todo por desvendar. A data de seu nascimento, 5 de março de 1851, é o único dado mais preciso de que dispomos por enquanto. Outros são desconhecidos ou desconstruídos. Segundo o registrado por Blake<sup>4</sup> (e repetido na maioria das poucas referências sobre a autora), ela seria natural de Itaboraí (RJ) e irmã – por parte de pai e, ao que parece, ilegítima – do gênio do nosso romantismo, Manoel Antonio Álvares de Azevedo (1831-1852). No entanto, conforme declarações da própria autora (que localizamos há alguns anos no seu jornal, o combativo *A Família*, sobre o qual falaremos adiante), sua terra natal era Recife (Pernambuco) e o poeta famoso era seu primo e não seu irmão. Evidente que não descartamos a hipótese de que, para não se expor socialmente na condição degradante de filha bastarda, Josefina preferisse não se assumir como meio-irmã de Álvares de Azevedo. Contudo,

Acervo Valéria Andrade Souto Maior



Revista A Família, nº 72, de 21 de Agosto de 1890



o caráter testemunhal da informação, como também daquela relativa à naturalidade da autora, nos autoriza a considerá-las como mais próximas da veracidade. Sobre outros fatos da sua vida privada, há indícios de que Josefina viveu em Recife até os 26 anos e vivenciou, de modo exemplar, a experiência da maternidade, mas nada sabemos, por exemplo, sobre quantos filhos teve, se foi casada, quem foi sua mãe, onde fez seus estudos, onde e como passou a infância e juventude, onde e quando veio a falecer<sup>5</sup>.

Em contrapartida, sua obra jornalística e literária, produzida integralmente em função da defesa dos direitos femininos, nos oferece uma espécie de retrato de corpo inteiro do que foi sua vida. Suas narrativas (contos, artigos, esboços biográficos), seus versos, suas traduções, seu texto teatral – praticamente tudo o que escreveu

e publicou foi com o objetivo primeiro de intervir na ordem social e política do seu tempo, buscando criar condições mais justas e igualitárias para mulheres e homens.

Saindo de Recife por volta de 1877, nossa autora segue para São Paulo. No ano seguinte, já então radicada na cidade, a “infatigável feminista, [...]”, num livro que fez sensação, anunciou que se levantava uma voz de mulher para a grande reivindicação,” segundo nos informa Barros Vidal<sup>6</sup>. No final de 1888, ainda em São Paulo, Josefina funda o jornal *A Família*. Seis meses depois, se transfere para o Rio de Janeiro, onde suas expectativas de melhores oportunidades para divulgar suas idéias não seriam frustradas. Sua folha circularia ali, ininterruptamente até 1897, ano de publicação de *Galleria illustre (Mulheres celebres)*<sup>7</sup>, seu terceiro e último livro de que temos notícia. Em 1898, *A Família* volta a circular, como se depreende da nota de agradecimento da redatora da revista *A Mensageira*, que recebera o primeiro número da “nova fase” do jornal<sup>8</sup>. Depois disto, ao que sabemos, não há registros sobre essa mulher que, embora

se julgasse “pouco hábil em esgrimir a pena”<sup>9</sup>, o fez, com maestria, muita coragem e verdadeira devoção, em sua luta pela cidadania das mulheres brasileiras.

Nas páginas do jornal *A Família*, a educação foi a primeira causa defendida pela ativista, que a considerava condição *sine qua non* para a emancipação feminina. A princípio, sua postura arrojada se evidencia por reivindicar para as mulheres uma “educação sólida e desenvolvida”, que as preparasse “para todos os misteres da vida, como dignas e leais companheiras do homem, tão capazes de desempenhar altas funções do estado, como as secundárias obrigações que lhe competem na família”<sup>10</sup>. Mais tarde, ela se caracteriza por doses maciças de audácia e agressividade. Em 1890, por exemplo, quando Benjamin Constant, então Ministro dos Cor-

reios e Instrução, assinou um decreto vedando o acesso feminino às escolas de nível superior, Josefina o atacou frontalmente, recriminando a doutrina positivista que o inspirava.

Embora menos radicais em suas posições, as colaboradoras do avançado jornal<sup>11</sup> enfatizavam que somente através de uma educação completa se poderia elevar o status da mulher na sociedade, inclusive fora do lar. Algumas delas, como Narcisa Amália (1852-1924), Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) e Inês Sabino (1853-?), eram escritoras de renome, enquanto outras, como Anália Franco (1859-1919), se destacavam por sua excelência como educadoras. A maior parte delas residia no Rio de Janeiro ou em São Paulo, mas muitas enviavam suas colaborações de outras partes do país, como Revocata de Melo (1860-1945) e Julieta de Melo Monteiro (1863-1928), do Rio Grande do Sul, Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944), de Minas Gerais, e Maria Amélia de Queiroz (séc. XIX-?), de Pernambuco. Outras, como a portuguesa Guiomar Torrezão (1844-1898) e a francesa Eugénie Potonié Pierre (séc. XIX-?), mandavam escritos de seus países, tornando mais evidente a extensa rede formada pelos diversos grupos de escritoras que, na época, mantinham entre si intenso intercâmbio e fortes relações de solidariedade<sup>12</sup>, através do que as mulheres se viam e se mostravam como seres capazes de se equiparar socialmente aos homens. Tal como outros jornais editados por mulheres, *A Família* servia como “caixa de ressonância do movimento feminista brasileiro”<sup>13</sup>, inclusive divulgando, assiduamente, exemplos estrangeiros e nacionais de mulheres que se distinguiam por sua atuação profissional, fosse nas letras, fosse em outras áreas, entre elas advocacia, medicina e artes plásticas.

Quando da transferência d'*A Família* para o Rio de Janeiro, em maio de 1889, seu grupo de colaboradoras, já então bem mais numeroso, era formado em grande parte por professoras que, a exemplo da redatora-chefe, utilizavam suas páginas para protestar publicamente contra a precária situação da educação feminina, bem como contra a opressão social sobre o sexo feminino. Ao mesmo tempo, essas mulheres se serviam do jornal para dar vazão a suas aptidões literárias, como tantas outras o faziam através dos vários outros jornais editados por mulheres que então proliferavam pelo país<sup>14</sup>.

Desde o início das atividades à frente do jornal, Josefina se viu confrontada com as maiores dificuldades, sobretudo com relação à indiferença

Acervo Iconographia



*A feminista do Rio Grande do Sul, Natércia da Silveira, comemora a concessão do voto feminino no Rio Grande do Norte, em 1928*

das próprias mulheres que, em geral, aos artigos pró-emancipação feminina, preferiam leituras mais amenas, com direito a figurinos de moda, receitas de beleza e culinária. Mas não se deixava abater, sempre determinada a “levar adiante uma propaganda acérrima em prol da educação das minhas patrícias, uma propaganda eficaz, que as liberte dos estólidos preconceitos da acanhada rotina a que temos sempre obedecido”<sup>15</sup>. E o fato em si de conseguir manter uma folha redigida exclusivamente por mulheres aparecia-lhe como prova cabal da capacidade feminina de construir sua autonomia<sup>16</sup>.

Como parte dessa determinação em expandir seus ideais libertários, em julho de 1889, a militante faz uma viagem a algumas cidades do Norte-Nordeste do Brasil. Em seu roteiro, inclui as capitais da Bahia, Pernambuco, Ceará e Pará, nas quais, recepcionada por colegas da imprensa, visita educandários públicos e particulares, sedes de vários jornais, além de órgãos públicos, entre os quais as Assembléias Provinciais de Pernambuco e do Ceará, visando sempre conquistar mais assinantes para *A Família* e,

desse modo, mais adesões para a causa que abraçara<sup>17</sup>.

Marco de uma nova fase da mobilização em torno da emancipação feminina, a proclamação da República foi também a ‘deixa’ para a feminista entrar em cena, ofensivamente, em busca do direito de voto para as mulheres. *A Família*, embora conservasse sua proposta primeira de lutar pela emancipação da mulher via educação, passa a reivindicar para as mulheres também “o direito de intervir nas eleições, de eleger e ser eleitas, como os homens, em igualdade de condições”. Daí em diante, Josefina transforma seu jornal em veículo de propaganda do direito feminino ao voto, através do qual, inclusive, tenta convencer suas contemporâneas da urgência de cada uma tornar-se também, em seus lares, uma “propagandista acérrima” da causa, da qual dependia sua “elevação na sociedade”<sup>18</sup>. Passa então a escrever uma série de artigos sob o título “O direito de voto”, argumentando basicamente que, sem o exercício desse direito pelas mulheres, a igualdade prometida pelo novo regime não passava de uma utopia<sup>19</sup>.

A partir daí, não se satisfazendo em travar sua luta apenas através da imprensa periódica, Josefina vai ampliar e diversificar seus espaços de engajamento sufragista. Logo no início de 1890, manda imprimir, na própria tipografia do seu jornal, um opúsculo intitulado *Retalhos*<sup>20</sup>, em que reproduz vários dos seus artigos já publicados em *A Família*: os da série “O direito de voto”, os relativos à questão da educação da mulher, reunidos sob o título “A mulher moderna”, bem como uma crítica impiedosa à comédia *A Doutora*, em que ataca duramente o autor, recriminando-o por ter pretendido “chegar à conclusão absurda de que a profissão médica é incompatível com a honra de uma moça”<sup>21</sup>. A inclusão de alguns outros textos, meio desligados da temática central da coletânea – como um artigo sobre problemas de algumas cidades paulistas e alguns versos humorísticos<sup>22</sup>

– revela suas “primeiras intenções”, que foram, sem dúvida, fortalecer sua propaganda sufragista e fixá-la em páginas menos efêmeras que as de um jornal. Bastante elogiada pela imprensa em geral, a publicação teve seu “potencial bélico” destacado pelo redator da *Gazeta de Notícias*, que, apesar de minoria na ala masculina, defendia abertamente os direitos das mulheres<sup>23</sup>.

Pouco depois, em abril do mesmo ano, a jornalista decide levar ao palco o acalorado debate então aberto na imprensa sobre essa questão, transformando o espaço cênico numa espécie de tribuna – o que, aliás, já se fizera na cena brasileira entre 1855 e 1865, quando, sob inspiração do teatro realista francês, foram discutidos no palco vários problemas sociais enfrentados pela então emergente burguesia brasileira<sup>24</sup>.

Instigada pelo parecer negativo do então ministro do Interior, Cesário Alvim, em relação à consulta que lhe fizera a comissão de alistamento eleitoral referente ao pleito de Isabel de Matos, mencio-

Acervo Valéria Andrade Souto Maior



*Imagem do Teatro Recreio do Rio de Janeiro, em 1909. O local, um dos mais populares da cidade, foi palco, em 1890, da comédia O voto feminino*

nado no início deste artigo, Josefina escreve a comédia *O voto feminino*, que vai à cena, no final do mês seguinte, no Teatro Recreio Dramático<sup>25</sup>, um dos mais populares do Rio de Janeiro na época. Levando para o centro da ação dramática uma querela doméstica gerada pela expectativa da posição do governo sobre a procedência ou não do alistamento eleitoral das mulheres, *O voto feminino* enfatiza o ridículo da resistência masculina em aceitar a participação feminina nas questões políticas da Nação, como também a confiança que as mulheres podiam e deviam depositar nos congressistas, cuja reunião em Assembléia para elaborar a nova constituição do país se anunciava para o semestre seguinte. Nesse sentido, a última cena da comédia expressa inequivocamente a intenção da autora, já explicitada em seus artigos, de seguir “compelindo os constituintes a firmarem de uma vez para sempre o nosso direito obscurecido”<sup>26</sup>. Diante da euforia da grande maioria do bloco masculino, comemorando a exclusão das mulheres do universo de eleitores, uma das personagens femininas avisa esperançosa: “Não se entusiasmem tanto. Ainda temos um recurso. Aguardemos a Constituinte!”<sup>27</sup>.

Embora bastante aplaudida – e, aliás, saudada calorosamente antes da estréia pela imprensa –, *O voto feminino* termina por subir ao palco apenas uma vez. Mas a urgência de continuar com o *lobby* junto aos constituintes leva a ativista a buscar alternativas para exibir sua comédia novamente. Nesse mesmo ano, *O voto feminino* reaparece publicamente outras duas vezes: nos rodapés do jornal *A Família*, de agosto a novembro e, segundo consta, em forma de livro<sup>28</sup>. Além disso, como parte da coletânea, intitulada *A mulher moderna: trabalhos de propaganda*<sup>29</sup>, a segunda organizada por Josefina e editada no ano seguinte, quando a Constituinte ainda se encontrava reunida. Em cada uma dessas oportunidades, fica patente o senso estratégico da autora, sempre voltado para a necessidade de fortalecer a propaganda sufragista, em especial junto aos parlamentares, no sentido de que a omissão da Constituição de 1824 quanto aos direitos eleitorais das mulheres não se repetisse no novo texto constitucional.

Visando, ainda, sensibilizar a opinião pública o mais amplamente possível, Josefina escolhe o caminho sugerido pelo então popularíssimo teatro musicado e escreve um texto com traços de comédia de costumes recheada com breves números musicais. E como pretendia também intervir na ordem social, tornando-a compatível com os avanços do novo tempo inaugurado pelo novo regime político, inclui um *raisonneur*<sup>30</sup>, figura

que, embora típica da então desgastada comédia realista francesa, casava perfeitamente com a intenção de expor racionalmente os seus argumentos a favor do voto feminino. Em grande parte da ação dramática, essa função de porta-voz da autora fica a cargo do Dr. Florêncio, posto em cena estrategicamente como a encarnação do homem público consciente, sensato e progressista, idealizado por Josefina para apresentar no Congresso propostas de extensão da cidadania plena às mulheres<sup>31</sup>. Ainda assim, é também pela voz das personagens femininas – Inês, a protagonista, e sua filha Esmeralda, ambas mais inteligentes, mais fortes e mais decididas que seus maridos – que escutamos o discurso sufragista da autora. Em relação ao porta-voz masculino, vale anotar que suas intervenções, embora um tanto sentenciosas, são feitas através de frases curtas, muitas vezes interrogativas, que se afinam perfeitamente ao ritmo ágil do diálogo da comédia e, como uma espécie de jogo de pergunta-e-resposta, evoca a dinâmica de uma disputa forense. Ressaltamos a argúcia da autora ao colocar em cena um *raisonneur* menos problemático que o do modelo francês, pois em sua rápida aparição mal há tempo de começar a ser maçante<sup>32</sup>.

Em termos de eficiência com relação aos seus objetivos imediatos, impossível pensar que *O voto feminino* foi uma experiência bem-sucedida, já que as brasileiras só conquistaram seus direitos políticos quase meio século mais tarde, em 1932. Mas isso, obviamente, só confirma o caráter de vanguarda do ativismo sufragista de Josefina. Como também da sua obra teatral. Quanto a isso, importa salientar igualmente que a amostra deixada pela autora no campo da dramaturgia evidencia que, se não tivesse sido uma experiência tão isolada, seu nome estaria, certamente, entre as grandes influências do teatro brasileiro.

De outro lado, quanto ao uso das técnicas de dramaturgia, a comédia é um sucesso. Apesar do fôlego curto e certas fraquezas de composição, seus diálogos têm vivacidade, suas personagens são convincentes, seu humor é afiado e inteligente. Vale citar, por exemplo, a perspicácia da autora na caracterização do ex-ministro e ex-conselheiro de Estado Anastácio. Delineado como o mais medíocre dos homens – preconceituoso, autoritário, retrógrado, inescrupuloso e intelectualmente estúpido –, Anastácio é mostrado também como a personificação do egoísmo masculino. Percebido por Josefina de Azevedo como uma perturbação do espírito dos homens, que os tornava “inaptos para as grandes generosidades”, esse egoísmo já fora inúmeras vezes apontado por ela, desde

seus primeiros artigos sobre o voto feminino, como a única razão pela qual as mulheres ainda estavam impedidas do pleno exercício dos seus direitos de cidadãs<sup>33</sup>. No palco, ela não poderia ter sido mais feliz ao materializar esse egoísmo, logo na cena de abertura da comédia, através da figura ridícula e desprezível do homem avarento que, apesar de riquíssimo, se dá ao trabalho mesquinho de conferir uma pequena nota de compras do armazém, item por item, preço por preço e, em seguida, arma um escândalo, exigindo a presença e as explicações da esposa, porque descobre uma diferença de míseros onze vinténs. Outra característica risível incluída inteligentemente no perfil de Anastácio, para mostrar que os argumentos masculinos contrários ao voto das mulheres não tinham qualquer consistência, é um cacoete lingüístico. As falas de Anastácio são, em geral, iniciadas, encerradas ou entremeadas por uma expressão completamente esvaziada de significado, “Ora figas”, que a autora usa para desnudar a incapacidade intelectual da personagem.

Importa salientar, ainda, que a utilização de alguns dos recursos formais e estilísticos que, mais tarde, viriam a compor o perfil do teatro de *agitprop*<sup>34</sup> – tais como tipificação hiperbólica e maniqueísta das personagens, inclusão de números musicais, substituição da organicidade dramática pela montagem ou sucessão de cenas – faz da pequena comédia de Josefina Álvares de Azevedo um texto que antecipa, em mais de meio século, a experiência mais efetiva desse teatro no Brasil, só desenvolvida no início dos anos de 1960 pelo movimento teatral do CPC da UNE (Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes), sob a liderança de autores que, como Oduvaldo Vianna Filho, já então haviam assimilado o arsenal técnico brechtiano<sup>35</sup>. Utilizado como instrumento de ‘agitação e propaganda’ na luta pelos direitos políticos das mulheres, *O voto feminino* impõe-se, portanto, como texto teatral emblemático do sufragismo à brasileira em sua fase de gestação.

## NOTAS

<sup>1</sup> O presente artigo tem como ponto de partida nossas pesquisas realizadas desde 1993, com a proposta de reconstituir a trajetória literária e intelectual da escritora, cujos primeiros resultados fundamentaram nossa dissertação de mestrado, intitulada *O florete e a máscara: Josefina Álvares de Azevedo, dramaturga do século XIX*, defendida na UFSC, em 1995, e publicada em 2001, pela Editora Mulheres.

<sup>2</sup> Para saber mais sobre estas e outras precursoras da nossa literatura de autoria feminina e do pensamento feminista brasileiro, ver especialmente BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem?* São Paulo, T. A. Queiroz, 1989; MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. 2ª ed. Florianópolis, Mulheres/Edunisc, 2000; SCHUMAHER, Schuma e VITAL BRAZIL Érico (orgs.) *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000; SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *Entre/linhas e máscaras: a formação da dramaturgia brasileira de autoria feminina no Brasil do século XIX*. João Pessoa, UFPB, 2001. (Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras); HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940*. Florianópolis, Mulheres/Edunisc, 2003.

<sup>3</sup> Um estudo circunstanciado sobre essa fundadora do pensamento feminista no Brasil encontra-se em DUARTE, Constância L. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal, Ed. UFRN, 1995.

<sup>4</sup> BLAKE, Augusto V. Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1883-1902. v. 5, p. 237-8.

<sup>5</sup> Para uma abordagem pormenorizada desse quebra-cabeça-ainda-por-montar a que se assemelha a trajetória de vida de Josefina Álvares de Azevedo, ver SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. O peso de um nome, uma obra de peso. In: \_\_\_\_\_. *O florete e a máscara: Josefina Álvares de Azevedo, dramaturga do século XIX*. Florianópolis, Mulheres, 2001, p. 39-81.

<sup>6</sup> VIDAL, [Olmio de] Barros. *Precursoras brasileiras*. Rio de Janeiro, A noite, [1944], p. 162. O autor, infelizmente, não informa sequer o título do livro a que se refere.

<sup>7</sup> AZEVEDO, Josephina Álvares. *Galleria illustre (Mulheres celebres)*. Rio de Janeiro, A Vapor, 1897.

<sup>8</sup> Cf. [ALMEIDA, Presciliana Duarte de.] *A Mensageira*, São Paulo, p. 240, 15 maio, 1898.

<sup>9</sup> AZEVEDO, Josephina Alvares de *A mulher moderna: trabalhos de propaganda*. Rio de Janeiro, Montenegro, 1891, p. 133.

<sup>10</sup> [AZEVEDO, Josephina Alvares de]. *A Família*, Rio de Janeiro, 23 fev. 1889, p. 1.

<sup>11</sup> Franqueando “suas colunas a todas as senhoras que a queiram honrar com a sua colaboração”, *A Família* distinguia-se dos jornais editados por mulheres na segunda metade do século XIX no Brasil, que eram, em geral, abertos à colaboração de pessoas de ambos os sexos, como nos informa BICALHO, Maria Fernanda Baptista. *O Bello Sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do XX*. Rio de Janeiro, Museu Nacional (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UFRJ), 1988, p. 12.

<sup>12</sup> A esse respeito, ver BERNARDES, *op. cit.*, p. 118-121 e SOARES, Pedro Maia. *Feminismo no Rio Grande do Sul: primeiros apontamentos (1835-1945)*. BRUSCHINI, Maria Cristina e ROSEMBERG, Fúlvia (orgs.). *Vivência: história, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo, Brasiliense, 1980, p. 145-6. Há, neste sentido, um interessante artigo de Eugénie Potonié Pierre, que foi traduzido por Josefina Álvares de Azevedo e publicado na revista *A Mensageira*, em 1899, no qual sua autora convida as mulheres a se unirem não apenas para proveito próprio, mas para benefício e renovação de toda a sociedade; cf. PIERRE, [Eugénie] Potonié. *A solidariedade feminina*. Trad. Josephina Alvares de Azevedo. *A Mensageira*, São Paulo, p. 206-8, 15 dez. 1899.

<sup>13</sup> A expressão é de SOARES, *op. cit.*, p. 146, em relação ao jornal *Corimbo*, editado por Revocata de Melo no Rio Grande do Sul.

<sup>14</sup> Ao contrário de *A Família*, parte dos periódicos femininos surgidos nessa época, como a citada revista *A Mensageira*, privilegiava a veiculação dessa produção literária, dedicando-se secundariamente às questões relativas à condição da mulher; cf. PAIXÃO, Sylvia. *A fala-a-menos: a repressão do desejo na poesia feminina*. Rio de Janeiro, Numen, 1991, p. 38.

<sup>15</sup> AZEVEDO, Josephina Alvares de. *A Família*, Rio de Janeiro, 30 jan. 1890, p. 1.

<sup>16</sup> Idem. *Ibid.*, p. 1, 27 fev. 1890.

<sup>17</sup> Idem. *Carnet de voyage*. *A Família*, Rio de Janeiro, 30 nov. 1889, p. 2; 7 dez. 1889, p. 2; 14 dez. 1889, p. 2; 21 dez. 1889, p. 6. No início desse mesmo ano, quando ainda residia em São Paulo, Josefina anunciou uma viagem sua ao norte do país, para observar o sistema de educação aplicado às meninas, informando que, com objetivo idêntico, visitaria também Lisboa, Paris, Espanha, Estados Unidos e Argentina; cf. [AZEVEDO, Josephina Alvares de.] *Novidades*. *A Família*, 19 jan. 1889, p. 8.

<sup>18</sup> AZEVEDO, Josephina de. *A Família*, Rio de Janeiro, 30 nov. 1889, p. 1; 19 abr. 1890, p. 1.

<sup>19</sup> [Idem]. *O direito de voto*. *A Família*, Rio de Janeiro, 21 dez. 1889, p. 1; 30 nov. 1889, p. 1.

<sup>20</sup> Até agora não localizamos nenhum exemplar desse opúsculo. A maior parte das informações sobre essa publicação foi recolhida nas notas de agradecimento publicadas nos vários jornais que a receberam e transcritas por Josefina em sua folha; cf. (AZEVEDO, Josephina Alvares de). Como nos tratam. *A Família*, Rio de Janeiro, 20 fev. 1890, p. 7-8; 9 mar. 1890, p. 7-8; 16 mar. 1890, p. 8; 23 mar. 1890, p. 8; 14 jun. 1890, p. 3; AZEVEDO, Josephina de. *O Apóstolo*. *A Família*, Rio de Janeiro, 3 maio 1890, p. 6.

<sup>21</sup> AZEVEDO, Josephina Alvares de. *A doutora*. *A Família*, Rio de Janeiro, 9 nov. 1889, p. 4.

<sup>22</sup> Parece razoável pensar que a autora terá aproveitado a ocasião para reproduzir os versos que publicara em *A Família*, 7 dez. 1889, p. 5, com o título de “Cidadã ou cidadoa”, em que, sob o pseudônimo de Zefa, celebra a principal vitória advinda da adoção do termo *cidadã*: “já se não diz mais – senhora,/ninguém mais já tem – senhor.”

<sup>23</sup> [AZEVEDO, Josephina Alvares de]. Como nos tratam. *A Família*, Rio de Janeiro, 14 jun. 1890, p. 3.

<sup>24</sup> Sobre esse período da história do teatro brasileiro, ver FARIA, João Roberto. *O teatro realista no Brasil: 1855-1865*. São Paulo, Perspectiva, 1993. Vale ressaltar que o processo de formação da tradição de autoria feminina brasileira no campo da dramaturgia desencadeia-se neste período, tendo como figura central a dramaturga Maria Angélica Ribeiro (1829-1880); cf. SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *Gabriela e Cancros sociais: a estratégia palimpséstica no teatro de Maria Angélica Ribeiro*. In: AQUINO, Ricardo Bigi e MALUF, Sheila Diab (orgs.). *Dramaturgia e teatro*. Maceió, Edufal, 2004, p. 305-318.

<sup>25</sup> [Idem]. Teatros. *A Família*, Rio de Janeiro, 17 maio 1890, p. 3-4; 24 maio 1890, p. 3.

<sup>26</sup> [AZEVEDO, Josephina Alvares de]. O direito de voto. *A Família*, Rio de Janeiro, 19 abr. 1890, p. 1; [Idem]. Ainda o nosso direito. *A Família*, Rio de Janeiro, 26 abr. 1890, p. 1.

<sup>27</sup> AZEVEDO, Josephina Alvares de. O voto feminino. In: \_\_\_\_\_. *A mulher moderna*, p. 72.

<sup>28</sup> Cf. BLAKE, *op. cit.*, v. 5, p. 238. Até agora, no entanto, nenhum exemplar desse livro foi localizado. Curiosamente, *A Família* nada registra a respeito desta publicação de *O voto feminino*.

<sup>29</sup> AZEVEDO, *A mulher moderna*.

<sup>30</sup> Encarregado de fazer com que se conheça, através de seus comentários, uma visão 'objetiva' ou 'autoral' da situação, o *raisonneur* representa a moral ou o raciocínio adequado. Não ocupando nunca o lugar de protagonista, essa personagem é uma figura marginal e neutra, que dá sua opinião abalizada, tentando uma síntese ou uma reconciliação dos pontos de vista segundo e, muitas vezes, é considerado porta-voz do/a autor/a. Herdeiro do coro trágico grego, o *raisonneur* aparece sobretudo na época clássica, no teatro de tese e nas formas de peças didáticas; cf. PAVIS, Patrice. *Dicionário de Teatro*. Trad. J. Guinsburg e Maria L. Pereira. São Paulo, Perspectiva, 1999, p. 323.

<sup>31</sup> Ao criar esta personagem, a autora inspirou-se, provavelmente, no médico e jornalista José Lopes da Silva Trovão (1848-1925), deputado pelo Distrito Federal no Congresso Constituinte, que apresentou emenda concedendo o direito de voto às mulheres. Ver HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas (1850-1937)*. São Paulo, Brasiliense, 1981. p. 87. Em seus artigos da série *O voto feminino*, Josefina refere-se a "opiniões respeitáveis" a favor do voto feminino na imprensa, mas não o cita nominalmente, como fizera meses antes, conclamando suas contemporâneas a trabalharem pela eleição de um candidato cuja plataforma incluía o direito eleitoral das mulheres; cf. AZEVEDO, Josephina de. As mulheres e a eleição. *A Família*, 6 jul. 1889. p. 1; Idem. O direito de voto. *A Família*. 19 abr. 1890. p. 1.

<sup>32</sup> Um *raisonneur* típico da comédia realista de inspiração francesa aparece em *O crédito* (1857), de José de Alencar, na pele do protagonista Rodrigo, cujas preleções infundáveis acerca do papel do dinheiro na sociedade burguesa acabam comprometendo, segundo FARIA, *op. cit.*, 176, a qualidade formal da peça.

<sup>33</sup> AZEVEDO, Josephina Alvares de. *A Família*, 14 dez. 1889, 21 dez. 1889, 19 abr. 1890. p. 1; 26 abr. 1890. p. 1; 31 maio 1890. p. 1; 11 dez. 1890. p. 1.

<sup>34</sup> O termo *agit-prop* vem do russo *agitatsiya-propaganda*, agitação e propaganda; cf. PAVIS, *op. cit.*, p. 379. Sobre a gênese e as realizações do teatro de *agitprop*, ver GARCIA, Silvana. *Teatro da militância: a intenção do popular no engajamento político*. São Paulo, Perspectiva/EDUSP, 1990.

<sup>35</sup> Para mais detalhes sobre essa experiência dramatúrgica realizada por Josefina Álvares de Azevedo que antecipa a proposta *agitpropista* desenvolvida no Brasil, ver SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. A intuição feminista do *agitprop* no teatro brasileiro em fins do século XIX. *Estudos feministas*, Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, v. 5, n. 2, p. 275-289, 1997. Uma versão revista deste ensaio encontra-se no sexto capítulo do nosso *Entre/linhas e máscaras*, citado acima.

**THEATRO RECREIO DRAMATICO**

*Companhia dramatica — Empresa DIAS BRAGA*

SEGUNDA-FEIRA                      26 DE MAIO DE 1890                      SEGUNDA-FEIRA

**Grande festa artistica em beneficio do actor CASTRO**

Dará principio a esta festa a comedia em 1 acto, original brazileira de Josephina Alvares de Azevedo :

**O VOTO FEMININO**

DISTRIBUIÇÃO

Anastasio, conselheiro do ex-Imperio. . . . .	O BENEFICIADO
Dr. Florencio, advogado. . . . .	Sr. GERMANO
Dr. Raphael, " . . . . .	" BRAGANÇA
Antonio, creado do Dr. Florencio. . . . .	" PINTO
Igniez, esposa de Anastasio . . . . .	D. ELISA DE CASTRO
Esmeralda, sua filha . . . . .	" ISOLINA
Joaquina, creada de Igniez . . . . .	" LUIZA POMI

EPOCA — ACTUALIDADE                      ACÇÃO — RIO DE JANEIRO

*Misc-en-scene do artista Dias Braga*

Anúncio da festa artística em benefício do ator Castro, publicado em *A Família*, 24 de Maio de 1890, p. 4

# O voto feminino\*

Comédia em um ato

**Josefina Álvares de Azevedo**

**Personagens:**

- CONSELHEIRO ANASTÁCIO – Castro
- DR. RAFAEL, deputado – Bragança
- DR. FLORÊNCIO – Germano
- ANTONIO, criado – Pinto
- ESMERALDA – Isolina
- INÊS – Elisa Castro
- JOAQUINA, criada – Luisa Pomi

**Ação** – Rio de Janeiro

**Época** – Atualidade

*Sala em casa do conselheiro Anastácio.  
Mobília rica. Decoração de luxo.*

**CENA 1a.**

Anastácio (só)

*(Ao subir o pano, está sentado com um pequeno papel na mão, fazendo contas)*

ANASTÁCIO – Cebolas, 200 réis; azeite doce, uma garrafa, 640; fósforos, um pacote, 200 réis; toucinho, um quilo, 1\$500: *(parando a leitura)*. Como está caro o toucinho! *(continuando a ler)* carvão, um saco, 2:000 réis; batatas, 240. Soma 4: 780. Quatro mil setecentos e oitenta, bem certos. Mas em que foi então que minha mulher gastou cinco mil réis?! *(chamando para dentro)* Senhora! Oh! Senhora! *(pausa)* Há de estar lendo os artigos de fundo dos jornais diários. É a sua mania! E enquanto lê vai tudo por água abaixo como numa correnteza; não há dinheiro que chegue! *(chamando)* Senhora D. Inês! Oh! Senhora D. Inês

\* Transcrita da versão inserida na coletânea *A mulher moderna: trabalhos de propaganda*, organizada pela autora da comédia, publicada em 1891. Foi feita a atualização ortográfica conforme as normas em vigor na língua portuguesa; a pontuação foi mantida tal como no original; foi feita a correção de erros tipográficos óbvios.

INÊS (*de dentro*) – Já vou, já vou.

ANASTÁCIO – Arre! Que a senhora minha mulher em se metendo no gabinete de leitura, não se lhe importa que a casa caia. Isto é demais. Ora figas!

### CENA 2a.

Anastácio e Inês

INÊS (*entrando*) – Aqui estou, Senhor Anastácio. Que barulho! Vão ver que é para aí qualquer ninharia!

ANASTÁCIO – Ah! Para a senhora tudo é ninharia!...

INÊS – Decerto.

ANASTÁCIO – Pois não é, não senhora, são onze vinténs que faltam nesta conta ...

INÊS – Ora, louvado seja Deus! Por onze vinténs um barulho tão grande!

ANASTÁCIO – Pois sim, pois sim; mas é que muitos onze vinténs arruinam um homem e ...

INÊS – E o senhor queria que eu deixasse os meus afazeres para estar a tomar conta destas insignificâncias...

ANASTÁCIO – Sem dúvida. É este o dever de uma boa dona de casa.

INÊS – Meu dever?! Oh! Senhor Anastácio, pois o senhor quer que a mulher de um ex-conselheiro esteja a ridicularizar com a criada?

ANASTÁCIO – Ridicularias! Ridicularias! Para a senhora só são importantes as discussões de política, a literatura piegas desses franchinotes que andam peralteando pela rua do Ouvidor, as borradelas dos pintores, os teatros, os partidos, e até os duelos! Senhora D. Inês, a senhora não se sai bem desta vez. Os duelos!

INÊS – Naturalmente. Então queria o senhor que assim não fosse?

ANASTÁCIO – Está visto. Ah! Mulheres!... Mulheres!...

INÊS – Já não estamos no tempo da mulher objeto de casa, escrava das impertinências masculinas.

ANASTÁCIO – Ora figas, senhora Inês!

INÊS – Estamos no fim do século XIX, em que o livre arbítrio faz de cada criatura um ser igualmente forte para as lutas da vida, ouviu?

ANASTÁCIO – Tá, tá, tá, tá. Ora figas! Qual lutas da vida! Qual livre arbítrio! Qual século XIX! Qual nada! A mulher foi feita para os arranjos de casa e nada mais!

INÊS – O senhor está me desacatando!

ANASTÁCIO – Ora figas! A senhora é que não está em si; perdeu a razão.

INÊS – Ah! Não quer que nós tenhamos direitos?!

ANASTÁCIO – Não, decerto. O pior é que a senhora já está transtornando a cabeça de minha

filha, que anda-me também com as mesmas idéias.

INÊS – Sem dúvida alguma. E há de aproveitar muito, a nossa querida Esmeralda.

ANASTÁCIO – Há de ser muito divertido.

INÊS – Que bonito futuro está reservado à nossa filha!

ANASTÁCIO – Se for uma boa mãe de família...

INÊS – Há de ser; e também uma das melhores figuras da nossa política...

ANASTÁCIO – Que diz?

INÊS – Se passar a lei...

ANASTÁCIO – Ó senhora, eu já lhe disse que não me meta a mulher na política!

INÊS – Que! Não meter a mulher na política! Oh! Senhor Anastácio, a mulher não é porventura um ser humano, perfeitamente igual ao homem?

ANASTÁCIO (*com calma*) – Sei lá! O que sei é que a política não foi feita para ela. A mulher metida em política, santo Deus!... Não me quero incomodar senhora D. Inês. Vou à chácara tomar um pouco de fresco. Até já. (*sai*).

### CENA 3a.

Inês (só)

INÊS – São insuportáveis estes monstros de egoísmo! E quando se lhes fala em concorrermos com eles na vida pública, é um Deus nos acuda; fazem logo vir o céu abaixo...

### CENA 4a.

Inês e Esmeralda

ESMERALDA (*entra lendo um jornal*) – Que queis fazer de uma mulher como vós inteligente, como vós ativa, como vós ilustrada, como vós amante da pátria, e que lhe quer, pode e deve prestar todos os serviços?!

INÊS (*que tem estado a prestar muita atenção*) – Sim, sim, o que querem os homens fazer de uma mulher assim?

ESMERALDA – Oh! Minha mãe, que belo artigo o do Dr. Florêncio, publicado no *Correio do Povo* de ontem.

INÊS – É um grande talento!

ESMERALDA – Tem feito do voto feminino uma campanha célebre.

INÊS – E há de vencer.

ESMERALDA – Se vencerá!

INÊS – Em passando a lei, já se sabe, hás de te apresentar para deputada!

ESMERALDA – Eu, minha mãe?

INÊS – Sem dúvida. Pois não estás habilitada para isso?

ESMERALDA – Sim, estou habilitada. Mas meu marido?

INÊS – Ora, o teu marido! Que se empregue em outra coisa.

ESMERALDA – É bom de dizer, a senhora sabe, que ele tem sido sempre deputado... E não há melhor emprego do que esse.

INÊS – De ora em diante serás tu. Se lhe hás de estar todas as noites a ensinar o que ele há de dizer, vai tu mesma dizer o que sabes.

ESMERALDA – Pobre Rafael! Ele que deseja tanto subir!...

INÊS – Sobe tu. Faz-te deputada, (*aparece ao fundo a criada*) depois senadora, depois ministra, e talvez que ainda possas chegar a ser presidente da república...

### CENA 5a.

Inês, Esmeralda e Joaquina

JOAQUINA (*entrando*) – Quem? O senhor Rafael?

INÊS – Não tola; a Esmeralda.

JOAQUINA (*admirada*) – Uê!

ESMERALDA – Ora, mamãe, isso não se faz assim.

INÊS – Como não; faz-se sim, senhora. E eu hei de ser tua secretária.

JOAQUINA (*contente*) – Que belo! Nesse tempo eu ficarei sendo sua criada grave.

INÊS – É verdade, poderás proteger essa rapariga arranjando-lhe algum emprego razoável.

JOAQUINA – Olhe, minha ama, sabe o que eu queria ser?

ESMERALDA – Diz lá.

JOAQUINA – Aquele homem que anda num carro fechado e com dois soldados a cavalo...

ESMERALDA – Oh! Mulher! Querias logo ser ministra?

INÊS – Isso é impossível, Joaquina.

JOAQUINA – Eu sei lá! Queria ser uma coisa que pudesse mandar os soldados.

ESMERALDA – Mandar soldados, para quê?

JOAQUINA – Para nada, não senhora. (*aparte*) Para mandar prender aquele ingrato do seu Antônico que não se quer casar comigo. (*saí*)

INÊS (*que tem estado a conversar com Esmeralda, durante o aparte de Joaquina*) – No dia em que for decretado o nosso direito de voto...

### CENA 6a.

As mesmas e Dr. Rafael

RAFAEL (*entrando*) – Esmeralda, minha boa amiga! Senhora D. Inês...

ESMERALDA – Foi decretada?

RAFAEL – A lei do voto feminino...

INÊS – O ministro já decidiu?

RAFAEL – Ainda não. Espera-se a todo o momento.

INÊS – Que demora!

ESMERALDA – É possível que seja decretada, não? E o que dizes tu?

INÊS (*aparte*) – O que diz? Nada, como de costume.

RAFAEL – Eu!... Eu!... Aplaudido com entusiasmo essa propaganda.

ESMERALDA (*sorrindo*) – Aplaudes? Fazes muito bem.

RAFAEL – E dou-lhes o meu voto.

ESMERALDA – Enfim, vamos ter o direito de voto.

INÊS – E o de sermos votadas.

### CENA 7a.

Os mesmos e Anastácio

ANASTÁCIO (*entrando, furioso*) – Que pouca vergonha!

INÊS – Ora, até que enfim, já se pode ser mulher nesta terra!

ANASTÁCIO – Como diz?

INÊS – Digo-lhe que o direito de voto às mulheres vai ser decretado pelo ministro.

ANASTÁCIO – Está doida, minha senhora.

ESMERALDA – Está em consulta, meu pai.

RAFAEL – Está, não; subiu para o ministro.

ANASTÁCIO – Figas! Figas, é o que é. Pode lá dar-se semelhante patifaria.

INÊS – Patifaria, não. É a coisa mais justa deste mundo.

ANASTÁCIO – Se tal acontecer pode-se dizer que o Brasil é uma terra de malucos.

INÊS – Senhor Anastácio, não me faça falar...

ANASTÁCIO – Senhora D. Inês, lembre-se de que eu sou um ex-conselheiro de Estado do ex-Império e já fui ministro!

INÊS – Lembro-me, sim; e por sinal que não era o senhor quem escrevia os despachos; mas sim eu e minha filha, que nem sequer tínhamos o direito de assiná-los.

ANASTÁCIO – Figas! Figas! A senhora não sabe que é mulher?

INÊS – E o senhor não sabe que uma mulher não é inferior ao homem?

ANASTÁCIO – É, é, e será sempre. Para mim nem há dúvida.

ESMERALDA – Isto é conforme, papá.

RAFAEL – Sim, é conforme.

ANASTÁCIO – Qual conforme! É e é!

INÊS – Não é, não é e não é. Que desaforo! A mulher inferior ao homem! Então foi para ser inferior a um carroceiro que o senhor mandou educar sua filha?

ANASTÁCIO – Foi para ser uma belíssima mãe de família. Ora figas!

RAFAEL (*entusiasmando-se*) – Apoiado.

INÊS (*olhando para Rafael*) – Foi para ensinar ao marido, assim como eu ensinei ao senhor. Ora aí está para o que foi!

ANASTÁCIO – Pois que fosse; mas não para ser votante... Ora figas! Figas!

RAFAEL (*baixo a Inês*) – D. Inês, olhe que isso é muito pesado!

ESMERALDA – Mas isso não é justo, meu pai.

ANASTÁCIO – Ah! Também pensas como tua mãe! Aqui está o que são as mulheres de hoje! O que todas vocês querem é ficar livres... para não prestarem mais obediência a ninguém. Mas tal não há de acontecer. Figas!

ESMERALDA – Mas meu pai...

ANASTÁCIO (*colérico*) – Qual teu pai, qual nada!

ESMERALDA – Acalme-se!

ANASTÁCIO – Isto não tem cabimento.

INÊS – Ah! Querem a eterna humilhação!

ANASTÁCIO (*passeando, agitado*) – Figas! Figas!

INÊS – Havemos de ser iguais; se a mulher está habilitada para ser mãe, essa missão sublime e grandiosa, porque o não há de estar para exercer o direito de voto?

ANASTÁCIO – Que querem que façam os homens? Que cedam o lugar às mulheres? Que vão para a cozinha? Que vão dar ponto nas meias?... Que vão... amamentar crianças?

ESMERALDA – Ninguém diz isso. Ninguém quer tirar o lugar aos homens, sem por isso continuarmos nós na humilhante condição em que temos jazido até hoje.

ANASTÁCIO – É o mesmo estribilho. Esta gente está idiota.

INÊS – O Senhor é que parece que perdeu a razão.

ANASTÁCIO (*dirigindo-se a Rafael*) – Meu genro, estamos perdidos, a revolução das saias entrou-nos porta dentro: é preciso reagir. A mulher votante! Com direito aos cargos públicos! Que desgraça! Que calamidade!

INÊS – Calamidade é a de termos homens como o senhor que procuram aniquilar os nossos direitos em proveito da sua vaidade.

ANASTÁCIO (*para Rafael*) – O que diz a isso?

RAFAEL (*atrapalhado, olhando para Esmeralda*) – Eu... eu não digo nada.

ANASTÁCIO – Se o senhor tem aprovado a atitude delas.

Acervo Iconographia

## O VOTO A'S MULHERES: QUADROS DE FUTURO



ZÉ FOGO — Aqui tem, "sen" Marcela, um quadro do futuro que me parece, se passar o seu projecto, dando o direito de voto de mulher... Em pouco tempo, "ellas" que são mais activas do que nós, representando a maioria da população e dominando tudo! É horrível pensar em mulheres! O seu futuro "prophetic", o seu futuro certo, o marido com a mulher e filho, enquanto a mãe vai para a Câmara dos Deputados deitar o voto para o partido do pai!

Tudo isso... Tudo isso!

MAURICIO DE LACERDA — Mas, que tem isso? A Constituição é rígida: as mulheres podem ser activas!

ZÉ — Pois, então, não a Constituição é o voto feminino? Então, com as mulheres em casa, não seriam mais activas... activas no sentido da actividade da actividade e fazendo — tudo na vida — para manter a ordem...

ESMERALDA – Porque é justo meu pai.  
ANASTÁCIO – Até a senhora! Está desejava por votar e ser votada, ir ao parlamento, sobraçar uma pasta, andar de coupé e ordenanças! São assim todas as mulheres. Ah! Mas eu hei de ensiná-las! Agora é comigo. Senhor meu genro, venha daí. É preciso ser homem, ouviu? Ser homem! (*empurrando-o na frente*) Ande, mexa-se. Até já, D. Inês. (*saem os dois*).

### CENA 8a.

Esmeralda e Inês

INÊS (*indo a porta*) – Vão conspirar? Pois vão, que os havemos de ensinar.  
ESMERALDA – O quê! Pois pensa que eles serão capazes...  
INÊS – Teu marido não, que é uma mosca morta, um toleirão; mas teu pai...  
ESMERALDA – Meu marido tenho a certeza de que não se atreveria ...  
INÊS – Ora, ora! Teu pai o convencerá.  
ESMERALDA – Mas isto é horrível. Conspirarem contra os nossos direitos é matar-nos a esperança de...  
INÊS – É horrível! E diante disso não podemos cruzar os braços!  
ESMERALDA – Mas os outros homens?  
INÊS – São todos iguais.  
ESMERALDA – Que fazer, então?  
INÊS – Vamos ao encontro da sua conspiração.  
ESMERALDA – Neste caso, vamos!  
INÊS – É a conspiração das saias. Hei de mostrar a esses homenzinhos para quanto presta uma mulher. Vamos Esmeralda.

### DUETO

ESMERALDA – Eia à luta!  
INÊS – Eia à luta! Pois é certa esta vitória.  
ESMERALDA – Batalhemos sem temor.  
INÊS – Sem temor que é nossa a glória.  
ESMERALDA – Seja o homem forte embora...  
INÊS – Sempre é forte o vencedor!  
ESMERALDA – Sejamos fortes...  
INÊS – Lutemos!  
ESMERALDA – Venceremos pelo amor!

JUNTAS – Caia o homem! Mulher acima!  
Homem abaixo é o que se quer.  
Pois que é chegado o reinado  
Glorioso da mulher! (*terminado o dueto saem*)

### CENA 9a.

Joaquina (só)

JOAQUINA (*entrando*) – Que balbúrdia! Parece um dia de juízo o dia de hoje nesta casa. Ouvi falar em conspiração! Há de ser a política das patroas! Até que desta vez vou ser aquele homem do carro e dos soldados. A patroazinha vai ser uma grande coisa! E eu apanho o meu lugarzinho. Então sim, (*aparece Antonio à porta*) mando prender o Antonio e se ele quiser que o solte há de casar-se comigo.

### CENA 10a.

Joaquina e Antonio

ANTONIO – Para isso não é preciso prender-me.  
JOAQUINA – Ui!  
ANTONIO – Não te assustes, meu *quitute*; sou eu.  
JOAQUINA – Que medo! (*canta*)

### DUETO

JOAQUINA – Oh! Que medo tão danado!  
Me fizeste agora entrando.  
ANTONIO – Pois te assustas, meu bem, quando  
Meu prazer é ter entrado?!  
JOAQUINA – Tenho nervos, sou medrosa  
ANTONIO – Nervos assim, tentação?...  
JOAQUINA – Esta surpresa!...  
ANTONIO – Vaidosa! Se tivesses coração...  
  
JUNTOS – Pode o amor vir de surpresa,  
Que bem vale um susto o amor.  
Passa o susto e se despreza  
Toda a idéia de terror.  
  
ANTONIO – Não foi nada; passou.  
JOAQUINA – Não faça outra; ainda estou a tremer. Para outra vez...  
ANTONIO – Para outra vez, hei de pedir licença... para entrar.  
JOAQUINA – Por força; cá não se entra sem mais aquela...  
ANTONIO – Ora, adeus! Eu é que, em gostando dum derriço como tu, não estou com cerimônias... vou entrando... E não faço caso de que me mandem prender, porque como tu sabes, o pássaro preso na gaiola também canta, depois da prisão vem a soltura...  
JOAQUINA – E quem falou em prendê-lo? (*aparte*) Ouviu tudo!  
ANTONIO – Você mesmo. E não sei para quê... se eu já estou preso pelo beicinho...  
JOAQUINA – Eu cá me entendo. Os homens... É verdade: que vieste aqui fazer?  
ANTONIO – Eu? Vim procurar o patrão... e ver-te. Ora, aí está!  
JOAQUINA – Ver-me? Só?... (*suspira*)

ANTONIO – Só... e procurar o patrão!

JOAQUINA – Ver-me só!... (*suspira*) Ai! Ai!

ANTONIO (*suspirando*) – Só!... se nós já fôssemos casados!...

JOAQUINA – Casados! Ah! O fingido! Como suspira!

ANTONIO – Casados, sim. Pois tu não és a minha noiva?

JOAQUINA – Sou. E podemos ser muito felizes. Olha, vai passar-se aqui uma cons... uma cons... Como é mesmo?

ANTONIO – Eu sei lá mulher! Seja o que for.

JOAQUINA – Pois sim! A patroazinha vai ser ministro...

ANTONIO – O quê ?

JOAQUINA – Ministro!

ANTONIO – Estás doida, mulher!

JOAQUINA – Ministro, sim! Ora aí está. E eu vou ter um bonito emprego. Depois me casarei contigo...

ANTONIO (*desconfiado, aparte, olhando-a muito*) – Que diz ela? Estará doida? Hom'essa!... (*continua a olhá-la*)

JOAQUINA – E tu também terás emprego...

ANTONIO (*resoluto*) – Menos essa! Eu é que não quero esse emprego!

JOAQUINA – Então é porque não sabes o que há.

ANTONIO – O que há?

JOAQUINA – As mulheres agora vão ser como os homens.

ANTONIO – Como os homens? E os homens?

JOAQUINA – Como as mulheres.

ANTONIO – Livra!

JOAQUINA – Sim, senhor! Agora somos nós que vamos para os empregos.

ANTONIO – Oh! Joaquina! Ou tu estás doida, ou estás brincando...

JOAQUINA – É sério! Eu já pedi a patroa o meu emprego. É aquele em que a gente anda sentada num carrinho com os soldados a cavalo atrás...

ANTONIO – E eu que fico fazendo?

JOAQUINA – Tu não precisas trabalhar, não, ficas em casa.

ANTONIO – Para lavar as tuas saias e esfregar a tua roupa? Eu nunca tive jeito para esfregações...

JOAQUINA – Como é bom!

ANTONIO – O quê? As esfregações? Nada, eu não sou homem para estas coisas. Não quero...

JOAQUINA – Ah! Se não quiseres assim...

ANTONIO – Que descaramento!

JOAQUINA – Qual nada! A mulher está na ponta!

ANTONIO – Sim... sim... na ponta da cozinha ou, quando muito, na do quintal!

JOAQUINA – Olha, eu gosto muito de ti; mas lá por isso não é que eu hei de deixar o meu emprego. Se quiseres casar comigo é assim; se não é *chuchar* no dedo. (*sai*)

### CENA 11a.

Antonio, Rafael e Anastácio

ANTONIO (só) – E esta! Ser obrigado a fazer de mulher para fisgar este diabo! É horroroso!

FGV/CPDOC. Col. Almerinda Farias Gama



Após quatro décadas, as brasileiras conquistam, em 1932, o direito de voto. Na foto, a representante classista Almerinda Farias Gama vota na Constituinte de 1934

Porque afinal de contas, se isto acontecer, serei obrigado a escamar o peixe, limpar o quarto da mulher, lavar a roupa e fazer a goma para as saias! Isto põe um homem na espinha! Porém no meio disto tudo, do que eu tenho birra é da cozinha! Cozinhar, eu?... Que sempre tive *quízília* pelas panelas! Qual! Isto não pode nem deve acontecer. Prefiro morrer de fome a ter de mexer em panelas!

ANASTÁCIO (*entrando, sem reparar em Antonio*) – Irra! É uma calamidade! O mulherio está alvoroçado!

RAFAEL – O caso está tomando proporções assustadoras.

ANASTÁCIO – Não pode ser! É uma desgraça se tal acontecer! É o fim do mundo! É... é... (*a Rafael*) O que é que é?

RAFAEL – Eu sei lá o que é!

ANASTÁCIO – Pois sei eu... É... é... (*com custo*) é uma figa, ora, aí está o que é.

RAFAEL – Estamos bem servidos, não há dúvida!

ANASTÁCIO – Está claro! Votam as mulheres, as mulheres são votadas! Para elas os empregos, as honras, as posições, e tudo, tudo! Que há de fazer o homem? Ficar em casa pregando colchetes nas saias?

RAFAEL – Isso nunca!

ANTONIO (*aparte*) – Os homens estão danados!

ANASTÁCIO – É preciso conspirar!

RAFAEL – Mas como? De que modo?

ANTONIO (*aparte*) – Sim, eu também sou interessado na questão!

ANASTÁCIO – De que modo? Ir contra as mulheres! Impedir que isso se dê.

RAFAEL – Ir contra as mulheres?! Mas vê que isso é difícil!

ANTONIO (*aparte*) – Eu cá por mim, já estou resolvido a lavar as saias da Joaquina.

ANASTÁCIO – Qual difícil! Vou fazer um *meeting*! Estamos já aqui dois homens (*reparando em Antonio*), com este que apesar de ser o criado do Dr. Florêncio, há de acompanhar-nos, três; (*agarrar-o pelo braço*) o compadre Izidro, quatro...

RAFAEL – O Silva cinco.

ANASTÁCIO – Qual Silva! Qual nada! Aquilo é um banana! Um pancada! É capaz de tomar as saias da mulher e ir para o lado delas. Queremos homens que não se entreguem a essas lambisgóias. (*segurando Antonio, que ainda o conserva seguro*) Você é homem?

ANTONIO – Pelo menos pareço.

RAFAEL – Nesse caso, é uma guerra de morte?

ANASTÁCIO – De morte? Não, de honra!

ANTONIO – Ui! Não me aperte o braço!

ANASTÁCIO – Fora com o voto às mulheres!

### CENA 12a.

Os mesmos e Dr. Florêncio

DOUTOR – Bom dia! Que é isso? Vejo-os exaltados!

ANASTÁCIO – Muito obrigado! O senhor é que é o causador de toda esta balbúrdia, de toda esta exaltação!

RAFAEL – Sim, o senhor mesmo.

DOUTOR – Mas, senhor conselheiro...

ANASTÁCIO – Figas! Meu amigo! Figas! A cidade está em desordem! O mulherio está alvoroçado!

RAFAEL – Até a minha mulher!

DOUTOR – Meu colega, que é isto? Explique-se.

ANASTÁCIO – Não há explicações. Agora é cada um tratar de defender os seus direitos.

RAFAEL – Até a minha Esmeralda!

ANASTÁCIO – E afinal de contas, também a senhora Inês!

DOUTOR – Mas o que tenho eu com isto?

ANASTÁCIO – Minha mulher está doida! Compreende, doida!

RAFAEL – E eu estou aqui e estou sem mulher, sem a minha Esmeralda!

DOUTOR – Mas senhores, digam-me o que tenho que ver com isso.

RAFAEL – Foi o colega que andou introduzindo esta trapalhada por aí.

### CENA 13a.

Os mesmos, Esmeralda e Inês

INÊS – Que grande vitória! Ah! Ainda bem que os encontro reunidos. Tenho boas notícias a dar-lhes. (*vendo o doutor*) Oh! Doutor! Não sabe quanto prazer sinto com a sua visita.

ANTONIO (*aparte*) – O que estará a Joaquina a fazer na cozinha?

ESMERALDA – Aceite os meus cumprimentos pelo seu brilhante artigo de ontem.

DOUTOR – Oh! Minhas senhoras! VV. EExs. confundem-me. (*dirigindo-se a Antonio*) Que fazes aqui?

ANTONIO – Vim aqui para saber de meu amo a que horas vai jantar.

INÊS – O doutor janta conosco.

ANTONIO – Nesse caso...

DOUTOR – Podes retirar-te.

ANTONIO (*aparte, saindo*) – Graças a Deus! Que estou livre das unhas e das figas do velho!

### CENA 14a.

Os mesmos, menos Antonio

INÊS – Pois como ia dizendo, tenho boas notícias a dar.

ANASTÁCIO – É escusado, não quero aqui mais discussões.

INÊS – Pois quero eu! De ora em diante mandam todos igualmente. E para o futuro, seremos iguais perante a lei.

ANASTÁCIO – Nunca, senhora Inês; nunca!

RAFAEL – Nunca, repito. O direito de voto não há de vir.

ESMERALDA – Olá, senhor meu marido, então o senhor também?...

RAFAEL – Não... sim... Mas isso é uma invasão de atribuições...

DOUTOR – Perdão, eu creio que se trata do voto feminino. É uma coisa perfeitamente justa!

ANASTÁCIO – Justa! Isso diz o senhor. E sabe porque o diz? É porque não é casado.

RAFAEL – Descansem! O direito de voto à mulher não veio nem virá!

ESMERALDA – Lá isso não. A consulta está em mãos do ministro; hoje ou amanhã será introduzida na lei.

DOUTOR – Sem dúvida alguma. É uma das mais belas conquistas deste fim de século; a reparação de uma injustiça secular, dos tempos bárbaros.

INÊS E ESMERALDA – Muito bem, doutor; muito bem!

RAFAEL – É o ridículo sobre os homens!

DOUTOR – Mas senhores, sejamos todos cordatos. O direito de voto às mulheres é de toda a justiça.

ANASTÁCIO – Não é só o direito de voto que elas querem, é o direito de votar e ser votadas. É o reinado das saias!

DOUTOR – Não há tal. Será antes o reinado das competências. De ora em diante não veremos mais na sociedade a impostura de serem as mulheres que façam as coisas e os homens que recebam as honras... como por aí se dá...

ANASTÁCIO (*baixo a Rafael*) – Isto agora é com o senhor.

RAFAEL (*o mesmo*) – Comigo, não; é com o senhor.

DOUTOR – Se a mulher tem aptidão para adquirir títulos científicos, porque não há de ter para os cargos públicos?

INÊS – Apoiado; e aqui está a Esmeralda para prova.

DOUTOR – Se pode exer-

cer cargos públicos, porque não há de poder desempenhar o mandato?

ANASTÁCIO – Mas nesse caso, teremos também de ser governados por elas.

RAFAEL – Virão ocupar os nossos lugares.

DOUTOR – Quando provarem competência para eles, porque não?

ANASTÁCIO – Seria horroroso! Isso não! A destituição do homem, o predomínio nefasto da fragilidade feminina! Figas!

ESMERALDA – Seria a mais bela das conquistas humanas, porque nós não somos senão iguais aos homens, apenas tendo diferenças sexuais e virtudes para melhor.

ANASTÁCIO – Cala-te! Cala-te! E que farão os homens?

INÊS – O que puderem e souberem fazer.

ESMERALDA – É a compensação das iniquidades de tantos séculos!

DOUTOR – Demais, nem todas as mulheres irão ocupar cargos importantes, assim como nem todos os homens hoje os ocupam.

ANASTÁCIO – E o escândalo?

ESMERALDA – A moralidade existe por si.

INÊS – Senhor Anastácio, fique certo de que o domínio das calças está para acabar.

ANASTÁCIO – Nunca! Ora figas!

RAFAEL – Senhora minha sogra, cuidado com os homens!

ANASTÁCIO – Pois fiquem certas de que não hão de levar o melhor. (*sa*)

Acervo Iconographia



Charge de Pereira Netto, publicada na Revista Ilustrada, em 23 de março de 1890, ilustra o Secretário de Estado dos Negócios do Interior, José Cesário de Faria Alvim, divulgando resolução contrária ao voto feminino

### CENA 15a.

Os mesmos, menos Anastácio

DOUTOR – Tenho certeza de que a mulher será emancipada; e com o direito que lhe cabe à elegibilidade, far-se-á representar no parlamento, já nesta sessão.

RAFAEL – Meu colega, olhe que isto é muito.

ESMERALDA – Rafael, lembra-te que és meu marido.

INÊS – Sem dúvida. O senhor Rafael deve ser razoável.

DOUTOR – Há de ser. Ainda hei de vê-lo cabalando pela candidatura da senhora D. Esmeralda.

INÊS – O que me dá cuidado é o Anastácio. Que iria aquele homem fazer agora à rua?

RAFAEL (*com malícia*) – Naturalmente foi ao ministro.

INÊS E ESMERALDA – Ao ministro?!

DOUTOR – Não há de ser nada. Não conseguirá coisa alguma.

### CENA 16a.

Os mesmos e Anastácio

ANASTACIO (*fora*) – Meu genro! Meu genro! (*entra esbaforido, com um jornal na mão*)

INÊS E ESMERALDA – Céus! Que foi!

ANASTÁCIO (*mostrando o jornal*) – Está aqui! Aqui!

### CENA 17a.

Os mesmos, Joaquina, depois Antonio

INÊS – O decreto?!

ANASTÁCIO – Qual decreto, qual nada! Não votam!

TODOS – Ah!

JOAQUINA (*aparte*) – Lá se foi o meu emprego!

ANASTÁCIO – O ministro despachou a consulta que lhe foi submetida, nestes termos: (*lê*) O governo resolvendo a questão apresentada não considera nem *oportuna*, nem *conveniente*, qualquer (*aparece Antonio*) inovação na legislação vigente no intuito de admitir as mulheres *sui juris* ao alistamento e ao exercício da função eleitoral!

ANTONIO – A-q-u-i! Menéres!

RAFAEL – Bravo! Muito bem!

ANASTÁCIO – Já vêm que não votam, minhas senhoras.

INÊS – Horror!

ANTONIO – Então Joaquina, ainda pensas em ser ministra?

JOAQUINA – Só se for do teu coração!

ANTONIO – Visto não teres o tal emprego, nem o carrinho, nem os soldados a cavalo atrás, eu peço a tua mão.

JOAQUINA – Aqui a tens!

DOUTOR – Ainda não me dou por vencido.

ANTONIO – O patrão se me desse licença, eu sempre diria uma coisa...

DOUTOR – Dize lá.

ANTONIO – A mulher não foi feita de uma costela do homem?

DOUTOR – Foi.

ANTONIO – A costela é o emblema do descanso. Portanto, a mulher não foi feita para a calaçaria das ruas.

ESMERALDA – Para que foi então?

ANTONIO – Para os arranjos da casa... e etc. e tal.

ANASTÁCIO – Ele tem razão. O verdadeiro lugar da mulher é no centro da família.

ESMERALDA – Não se entusiasmem tanto. Ainda temos um recurso. Aguardemos a Constituinte!

### ENSEMBLE

ESMERALDA – A querida vitória há de, creio

Dar-nos ganho de causa por fim

RAFAEL – Isso não, q'eu não marcho no meio!

INÊS – Ah! Respiga! Pois sim! Oh! Pois sim!

ESMERALDA – Venceremos, ou não? Doutor, diga!

DOUTOR – Por que não?! A vitória é fatal!

ANASTÁCIO – Ora figas! Ora figa! Ora figa!

Esta gente 'stá doida, afinal!

AS MULHERES – Pois veremos, senhores, veremos,

Vencerá a razão, vencerá

Justo é pois q' por isso espe-

remos

Confiantes daqui até lá!

OS HOMENS – Ora qual! Ora qual! Não tememos!

Ficará tudo assim como está!

E seguros do caso esperemos

Confiantes daqui até lá

### NOTAS

<sup>1</sup>[Nota da dramaturga] – A palavra como significação de emprego que só convém ao homem é invariável; mas no caso da tese que se discute varia logicamente.